Dissertar

O Perfil Feminino na Obra de José Lins do Rêgo: Opressão e Discernimento

O presente ensaio tem como objeto de investigação a figura feminina na obra de José Lins do Rêgo, dimensionada em um contexto sócio-econômico-cultural. As personagens femininas chegam-nos através das imagens dialéticas alegóricas, privilegiadoras de uma razão pré-filosófica não comprometida com um único conceito de verdade, porque leva em consideração o sensível, o instante, o plural, ainda que não exclua a razão sistêmica. O sujeito da enunciação, muitas vezes declinado no masculino, reforça, ambivalentemente, através da memória, ora a ordem social agrário-burguesa evocada, ora o discurso dominante dos anos 30. José Lins do Rêgo, porém, encontra, no passado, uma reserva de sentido, vislumbrando, dessa forma, as promessas de felicidade, de totalidade harmoniosa, estendida a todo o gênero humano, fazendo com que a vida (particular) e a vida (geral) interajam-se, plenamente. Nesse momento, a obra de arte constitui-se em uma ruína, transformada em monumento, e, ao mesmo tempo, uma "não-ruína", uma vez que postula mudanças qualitativas ao status quo.

Este trabajo tiene como objeto de investigación la mujer en la obra de José Lins do Rêgo dimensionada en un contexto social, económico y cultural. Los personajes femeninos representan imágenes dialéticas y alegóricas, embasadas en una razón pre-filosófica comprometida con una visión plural porque considera lo sensible, el instante, el plural, sin olvidar la razón sistémica. El sujeto de la enunciación, muchas veces siendo masculino, mantiene la orden social agrario – burguesa evocada o el discurso dominante de los años 30. Pero José Lins do Rêgo encuentra en el pasado sentido divisando las promesas de felicidad, de total harmonía para todos – la vida es, al tiempo, particular y general. La obra de arte es ruína y no ruína pues presenta mudanzas de calidad al status quo.

The present essay has as inquiry object the feminine figure in the workmanship of José Lins do Rêgo, dimensioned in a partner-economic-cultural context. The female personages arrive us through the allegorical dialectic pictures, that privilege a not compromised pre-philosophical ratio with an only concept of truth, because it takes in consideration the sensible one, the instant, the plural one, still that does not exclude the systemic ratio. The citizen of articulation, many times declined in the masculine, strengthens, ambivalently, through the memory, however the dominant speech of years 30. José Lins do Rêgo, however, finds, in the past, a direction hold, glimpsing, of this form, the happiness promiss, of harmonious totally, extended all the human sort, making with that the life (particular) and the life (general) is interacted, fully. At this moment, the art workmanship consists in a ruin, transformed into monument, and, at the same time, a "not-ruin", a time that claims to qualitative changes to the status quo.

Palavras-chave: figuras femininas, imagens dialéticas, reserva de sentido, mudanças.

Autora:

Sandra Maria Pereira do Sacramento

Doutora em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Tese premiada no 4º Festival Universitário de Literatura, na categoria ensaio, promovido pela Editora Livro Aberto-Cone Sul em convênio com a Xerox do Brasil em 2000. Este trabalho consta de seu livro *O Perfil Feminino Na Obra de José Lins do Rêgo: Opressão e Discernimento*, publicado pela referida editora.

Introdução

Os estudos anteriores acerca da obra de José Lins do Rêgo, detiveram-se na apreensão memorialística da mesma, em que o declínio da produção açucareira é visto em uma coordenada do irredutível; nosso estudo, porém, privilegia o "restolho" do passado, aquilo que poderia ter sido um ganho para o progresso, não o computado pelo mercantilismo e, depois, pelo capitalismo, mas o que preserva a inteireza das relações qualitativas interpessoais. Se para o marxismo, o "salto qualitativo", para o gênero humano, viria com a reversão do modo-de-produção, através da revolta proletária, para as imagens dialéticas benjaminianas (1975), esta mesma mudança acontece, na obra de arte, com o resgate da ontologia do sujeito, sendo, portanto, uma metafísica que passou pela experiência, rumo ao, se assim podemos

dizer, absoluto romântico, e não a ontologia do coletivo, como quer o Materialismo Histórico.

Mapeando o solo

As teorias evolucionistas do século XIX justificaram a exclusão social e o atraso, em países colonizados, veiculando a idéia de que a mestiçagem só levaria à devassidão. Este mote foi prefigurado, durante o realismo-naturalismo, quando via o descompasso nacional como causa e, não, como consequência de um erro administrativo-institucional, fazendo com que o conhecimento da realidade se estreitasse a uma moral etnocêntrica.

A Semana de Arte Moderna e a fundação do Partido Comunista, ambas em 22, assim como a "Revolução de 30", se não conseguiram romper com formas de organização social, pelo menos abalaram as linhas de interpretação da realidade brasileira.

E a literatura da década de 30, neo-realista, levou o artista à obrigação de contestar o "status quo", porém, José Lins do Rêgo foi beneficiário direto da oligarquia açucareira e, em seu texto, deixa marcas patentes de sua formação discursiva – burguesia agrária, passado enunciado – acrescentando a esta os novos discursos presentes na série social, daquela década, o novo capitalismo e o materialismo histórico. Surgindo, desta produção

de sentido, um texto como elemento de cultura, estruturado em “camadas” de significação, que se abre em desafio para nós, leitores. E a questão do **gênero** do leitor – no nosso caso, **leitora** das imagens femininas, em texto de **autoria masculina** – colocamos como elemento promovedor da completude textual, a partir de nossas expectativas de leitura.

O travejamento discursivo: figura feminina e espaço social descortinado na obra de José Lins do Rego, torna-se adensado, na medida em que a obra literária não se encontra destituída de vetores que a prendem ao real. Neste sentido, personagens, tanto femininas quanto masculinas, encontram-se no embate de suas dinâmicas existenciais, em constatação de interação, ambos “constituídos” por “aparelhos ideológicos”, como diria Althusser (1980), que subscrevem paradigmas a serem seguidos, mesmo que uns se vejam mais “submetidos” do que outros, como “sujeitos” que se inscrevem na História, não a Oficial, dos grandes acontecimentos, mas aquela feita “em migalhas”, fruto de vivências cotidianas.

Onde está a mulher?

Partindo-se da concepção de que o paradigma de organização social sempre esteve sob a perspectiva masculina, a mulher não foi possível construir sua própria identidade. Restrita ao espaço doméstico, como mero coadjuvante do homem, este ser não consegue inscrever-se como sujeito de sua própria historicidade.

As personagens femininas encontradas na obra de José Lins do Rego, descendentes ou não dos senhores de engenho, reproduzem a ordem patriarcal, isto é, o narrador como sujeito de enunciação, ao evocar um passado que já não existe, no presente, sublinha papéis sociais bem definidos que denotam toda a dinâmica hierarquizada naquele universo açucareiro.

Em *Menino de Engenho*, romance inicial, o narrador que nos revela os fatos é Carlos de Melo, já homem feito. Sua mãe, quando escrita, se sobressai por meio de uma adjetivação plena de quietude e passividade. Esta é assassinada pelo marido ciumento, que, mesmo assim, ainda é visto pelo filho como um bom pai, “porque o que eu queria fazer ele consentia e brincava comigo no chão como um menino de minha idade” (p. 47).

Ao evocar, via memória, sua mãe, o narrador guarda:

“A doce fisionomia daquele seu rosto, daquela melancólica beleza de seu olhar. (...) Falava para todos com um tom de voz de quem pedisse um favor, mansa e terna como uma menina de internato (p. 48)”.

A mística do patriarcalismo povoa aquele universo de um atmosfera de sacralidade cristã, em que a mulher espelha, metafisicamente, o modelo virtuoso da mãe de Cristo. Sua tia Maria é descrita, pelo narrador, com recursos de convencimento, lembrando mais uma Madona renascentista.

“A moça que se parecia com minha mãe, e que era a sua irmã mais nova, me levou para mudar de roupa.

- Agora vai gostar de mim. (...)”

E me abraçou e me beijou, com tanta ternura que me fez lembrar os beijos e abraços de minha mãe.” (p. 52).

Neném, a filha de Lula de Holanda e D. Amélia, do Engenho Santa Fé, também não fogem ao padrão de santidade e passividade.”

“Então, Seu Lula pôde olhar para a filha como uma propriedade sua, que ninguém tocara.

Olhava para Neném e via nela a imagem de Nossa Senhora, a imagem do manto azul, de cabelos compridos, aquela que não fora tocada pelos homens.” (*Fogo Morto*, pp. 267-268).

Porque, na sociedade patriarcal, a mulher é propriedade daquele que detém os **meios de produção**, isto é, tudo o que é necessário à produção, inclusive os instrumentos-de-produção. Desse modo, as **relações-de-produção** encontram-se determinadas de antemão.

As mulheres das casas-grandes quase sempre descendiam de famílias que já possuíam engenhos, mas esta regra não era geral. E suas atividades limitavam-se a tocar piano, bordar ou cuidar de seus jardins.

“ - Amélia, vem toca uma coisa:

A casa-grande do Santa Fé enchia-se de valsa triste da moça.(...) Era um primor. (...) Tinha mais uma filha nos estudos.” (*Fogo Morto*, p. 205).

O narrador estrutura estes passos, a partir da ótica do homem. A voz de Seu Lula nos é apresentada em discurso direto em que o uso do modo imperativo não nos deixa qualquer dúvida de seu intento.

As atividades destas mulheres, que pertenciam à classe mais abastada, restringiam-se ao lar:

Eram treinadas para desempenhar o papel de mãe e as chama-das prendas doméstica: - orientar os filhos, fazer ou mandar fazer a cozinha, costurar e bordar.¹

Paralelas convergentes

Se o relacionamento mulher x homem de mesma classe social estriba-se no autoritarismo patriarcal, o mesmo não podemos dizer quando este acontece entre mulher x mulher, sendo a última deste par de condição social inferior.

As negras que prestavam serviço à casa grande, na cozinha ou como amas das crianças, recebiam um tratamento diferenciado. A contigüidade entre opostos como que naturalizava a diferença de classe:

“Nas cozinhas das casas-grandes vivam as brancas e as negras nessas conversas como iguais: (*Menino de Engenho*, p. 150).

O uso da conjunção adverbial comparativa **como**, utilizada pelo narrador, se não é capaz de negar a aproximação estabelecida entre branca ↔ negra, dá-nos a certeza, pelo seu processo modalizante, da manutenção da hierarquia.

Exclusão e domínio:

A tematização da mulher negra, na obra de José Lins do Rego, dimensiona-se macro-estruturalmente, em que condição de **gênero** e **classe** se convergem, concorrendo como dados integrantes e necessários à chamada “explicação nacional”, objeto de enfoque de autores como Gilberto Freyre (1984), com *Casa Grande e Senzala*, sendo o autoritarismo atenuado em nome de uma “democracia racial”.

O pressuposto maior do neo-realismo, no Brasil, foi “tentar” narrar a “outra” história, a mestiça, mesmo que a partir do olhar, este sempre seletivo, de um integrante do estamento dominante, embora em crise. Carregando:

“Consigo um certo sentido de mando, suavizado pelas condições gerais de vida criadas na esteira das transformações sociais e políticas com foco na crise de 1930.”

Na verdade, o novo capitalismo impunha novas formas de organização social e a revisão daquela ordem agrário-patriarcal regional, em decadência, pode ser lida como “uma busca do tempo perdido” de todo um passado nacional.

Tomamos conhecimento da formação étnico-cultural brasileira, através de um sujeito da enunciação, que, mesmo delegando a voz a outras personagens, deixa marcas pessoais, denunciadoras de um determinado recorte feito na realidade, ao mesmo tempo em que incorpora outras formações discursivas, até então não reconhecidas, uma vez que somente um enunciado da **série social** era permitido: o idealismo.

A mulher negra, na nossa colonização, sofre um processo de espoliação, sendo utilizada como força-de-trabalho, ama-de-leite ou objeto de prazer:

“Os filhos [dos senhores de engenho] se criavam nos peitos das negras. Depois baixavam para a entreperna. Ficavam taludos em cima delas. Batiam roupa, lavavam prato, engomavam pelo prato de feijão e o corte de chita no fim do ano.” (*Bangüê*, p.96)

“Queria povo para trabalho, negra que parisse braços e mais braços para os seus partidos.” (*Fogo Morto*, p.207)

De fato:

“Poucos foram os trabalhos que a mulher escravizada não realizou no Brasil. Ao contrário, além daquelas atividades que tinham por obrigação cumprir, o mais comum era acumular várias outras ao mesmo tempo. [...] Nos engenhos, eram as mulheres que colocavam a cana-de-açúcar para moer e que tiravam os bagaços. Essa atividade era bastante perigosa, pois, devido ao longo tempo de serviço, as escravas podiam cair no sono e ter as mãos presas e decepadas.” [...]³

Manteve-se a sociedade brasileira, até o fim do século XIX, de base agrária, aristocrática e escravista, em que as relações sociais continuavam sendo reguladas pela velha tradição

estamental da Colônia, aqui prevalecendo uma forma de mandonismo em que o corpo negro feminino foi utilizado nos moldes relacionais de suserania e vassalagem, deixando em estreita correlação autoritarismo e prazer.

“Mas só naquele instante ela vira direito o senhor de tudo que era de seu pai: das canas, das terras. No outro dia o Coronel passou outra vez pela porta e conversou mais um bocado. [...] E foi assim até que na beira do riacho da lavada ela conheceu que a vida era boa. Depois saiu de casa e andou por outros lugares. [...] E continuou do Coronel do Imbu meses ainda.” (*Usina*, p.56)

Na utilização do estilo indireto livre, formado um intrincado modo discursivo em que já não é possível delimitar onde termina a voz do narrador e começa a da personagem, percebe-se o olhar crítico em que uma personagem não pertencente à casa-grande é capaz de fazer o enfoque deste problema, tão comum em nossa formação étnico-cultural, em que o modelo de colonização impôs coordenadas próprias, bem diferentes do que aconteceu em outros países da América, como foi o caso dos Estados Unidos. Assim:

“Os condicionamentos, associados a uma classe particular de condições de existência, produzem *habitus*, sistemas de **disposições** duráveis e transponíveis; [...] princípios geradores e organizadores de práticas e de representações.”⁴

E, assim, as “trocas simbólicas” Bourdieu (1980), estabelecidas entre branco e negra estribam-se em princípios organizacionais que justificam *habitus* e modos de vida daquele estamento.

Conclusão

Se a literatura brasileira estava à procura do que fosse Brasil, sublinhando todas as visões que pudessem nos caracterizar, quando estas destacavam o que não fosse o modelo etnocêntrico europeu; com o Modernismo, houve a assunção de todas as nossas “mazelas”, levando em conta o fato de sermos uma nação mestiça, periférica, tributária de uma herança européia, mas, ao mesmo tempo, diferenciada etnicamente, o mesmo valendo para a situação espacial. Esta ambigüidade levou, anteriormente, nossos produtores culturais a valorizarem o que nos era exógeno e, quando se referiam ao dado interno, a solução encontrada não era outra que não a idealização.

Assim, José Lins do Rego promove uma releitura do nosso processo colonizador e de todo o aparato de exclusão que nos caracterizava em relação à metrópole portuguesa e às nações que a substituíram em nossa História, “minando por dentro” qualquer *razão sistêmica*.

As *imagens dialéticas* são capazes de “desprender” o novo no passado, por promoverem, de acordo com o seu sentido etimológico: separação, intervalo, diferença; vislumbrando o que ficou vetado pelo racionalismo idealista ou materialista, pois estes ainda estão em uma dimensão de “continuismo”, fazendo sobressair, assim, as “outras razões”, fora da cogito de Descartes, quando esta instaura o conflito entre a natureza (*magia*) e a cultura (*ratio*).

Neste momento, o arbítrio dos relacionamentos hierárquicos, principalmente, posto sobre a personagem feminina, torna-se esvanecido, para alçar rumo a um projeto de vida mais harmônico, fazendo com que se dimensione, através de uma fatura estética pungente de sofrimento, através da memória, *imagens dialéticas*, mais que ideológicas, se assim podemos dizer, trans-ideológicas, porque aventam uma transmutação, não através da revolução, antes da exaustão de um modelo sócio-econômico; fazendo com que não haja nem vencedores, nem vencidos, ou melhor, todos são vencidos que podem se tornar vencedores. E a personagem feminina surge como alento e demonstração de força, não estreitada a qualquer tipo de poder, mas agindo “da periferia para o centro”, ainda que lhe tivesse sido negada a voz por tantos séculos.

NOTAS:

- 1 - FALCI, Mididan Knox. *Mulheres do Sertão Nordestino*, in: *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997, p.249.
- 2 - MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da Cultura Brasileira*. São Paulo: Ática, p. 67
- 3 - MOTT, Maria Lúcia de Barros. *Submissão e Resistência. A Mulher na Luta contra a Escravidão*. São Paulo: Contexto, 1988, p.20.
- 4 - BOURDIEU, Pierre. *Les Sens Pratique*. Paris: Minuit, 1980,p.88.

Referências Bibliográficas

1-Do autor:

BANGUÊ. 13ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.
FOGO MORTO. 27ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
MENINO DE ENGENHO. 33ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
USINA. 11ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.

2-Obras Gerais:

ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado*. 3ª ed. Lisboa: Presença, 1980.
BENJANIN, Walter. *Les Affinités Electives de Goethe*. In: "Mythe et Violence" Paris: Denoël, 1971
_____. *A Modernidade e os Modernos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975
_____. *Documentos de Cultura. Documentos do Barbárie: Escritos escolhidos*. Seleção e apres. Willi Bolle. São Paulo: Cultrix / Edusp, 1986.
BOURDIEU, Pierre. *Les Sens Pratique*. Paris: Minuit, 1980.
FALCI, Mididan Knox. *Mulheres do Sertão Nordestino*. in: *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.
FREIRE, Gilberto. *Casa Grande Senzala: Formação da Família Brasileira sob o Regime da Economia Patriarcal*. 23ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1984.
MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da Cultura Brasileira*. São Paulo: Ática, 1994.
MOTT, Maria Lúcia de Barros. *Submissão e Resistência. A Mulher na Luta Contra a Escravidão*. São Paulo: Contexto, 1988.